

«Modos de Organização dos Agricultores na Europa»

1. Organizado pelo «Centre d'Etude de la Vie Politique Française Contemporaine», da «Fondation National des Sciences Politiques» (FNSP), e pelo «Centre de Sociologie Rurale de L'Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales» (EHESS) — Unidades associadas ao «Centre National de Recherche Scientifique» (CNRS) —, realizou-se em Paris, nos dias 12, 13 e 14 de Dezembro de 1988 um Seminário sobre «Modes d'Organisation des Paysanneries en Europe».

Para além dos membros do «Groupe Européen sur les Modes d'Organisation des Paysanneries», investigadores de vários países (Bélgica, Brasil, Dinamarca, Espanha, Grã-Bretanha, Grécia, Itália, Holanda, Polónia, Portugal, Alemanha e França) que, a partir do Congresso Mundial de Sociologia Rural de Bolonha (Junho de 1988), se constituíram em *Network* sobre este tema, participaram ainda neste seminário outros investigadores do CNRS, entre os quais M. Jollivet.

Este grupo tinha já organizado uma reunião por ocasião daquele Congresso, no âmbito da Secção «Farmer's Organisations and State Policy».

2. A reunião de Paris teve como objectivo dar início a um programa de investigação sobre os Modos de Organização do Campesinato na Europa, testando «a possibilidade de desenvolver um ponto de vista europeu de análise, que não seja nem um ponto de vista nacional aplicado ao conjunto dos países nem a simples soma de pontos de vista nacionais».

A ideia de base foi partir dos trabalhos já desenvolvidos a nível nacional para uma abordagem comparativa do campesinato europeu e, em particular, das organizações agrícolas.

3. Os trabalhos iniciaram-se com uma mesa redonda coordenada por B. Hervieu da FNSP e R. M. Lagrave, da EHESS, que tiveram a seu cargo a organização científica desta reunião.

B. Hervieu fez a apresentação dos objectivos do *Network* e do projecto europeu e inventariou algumas preocupações de estudo, no sentido da definição de temas sobre os quais o grupo se deveria debruçar preferencialmente. Seguiu-se a discussão, a partir da apresentação de cada participante e dos trabalhos em curso em cada país.

R. M. Lagrave e R. Hubcher (investigador do CNRS) mostraram a importância dos estudos neste âmbito, através da apresentação da génese institucional e evolução das organizações profissionais agrícolas e do sindicalismo em França.

M. Jollivet salientou a importância desta primeira reunião e do projecto comum emergente que, na sua perspectiva, deveria originar um «pensamento comum no seio da Europa» e fazer «aparecer a Europa que dialoga».

4. O segundo dia dos trabalhos foi dedicado a conferências de antigos dirigentes de organizações agrícolas: Michel Debattise, antigo presidente da Juventude Agrária Católica (JAC), do Centro Nacional de Jovens Agricultores (CNJA) e da Federação Nacional dos Sindicatos de Empresários Agrícolas (FNSEA), ex-Secretário de Estado das Indústrias Agrícolas e Agro-Alimentares e, actualmente, Deputado Europeu e Raymond Mireau, co-fundador e Presidente do Movimento de Defesa das Explorações Familiares (MODEF) e membro do Conselho Económico e Social da CEE.

5. Na última sessão de trabalho, Eduardo Moyano abordou o tema «Problemas teóricos e metodológicos da análise comparativa» para introduzir a discussão sobre a programação dos trabalhos a realizar a nível nacional. Na abordagem que fez da

realidade espanhola, referiu alguns aspectos a ter em conta na análise da relação entre as organizações profissionais agrícolas e o Estado. Por nos parecerem de interesse geral, citamos os seguintes:

— O modo de organização dos agricultores tem que ver com o tipo de intervenção do estado na agricultura;

— A relação entre o poder político e as associações traduz-se, na prática, na aplicação das medidas de política agrícola;

344

— Está a instituir-se uma prática de cogestão social na agricultura entre o poder político e as associações;

— O Estado define quais são os interlocutores mais adequados. Cabe-lhe um papel director e não apenas de árbitro;

— O Estado assume um papel director no desenvolvimento das organizações profissionais agrícolas.

6. Seleccionou-se como tema para o próximo seminário, a realizar em Atenas em Maio de 1989, a questão da «Unidade e Pluralismo no Movimento Sindical e Profissional Agrícola». ■

Maria Adosinda Henriques

Trabalho inovador em Medicina Familiar

Realizou-se de 16 a 18 de Março em Montechoro o 6.º Encontro Nacional da Associação Portuguesa dos Médicos de Clínica Geral, que teve como tema «Medicina de Família, um mundo vivo». O programa incluía um conjunto muito variado de temas, desde os que se ligam aos aspectos institucionais da carreira e sua relação com os sistemas de saúde, até aos de natureza mais formativa abrangendo algumas questões tradicionalmente ignoradas pela ciência médica, como por exemplo a das relações entre o médico e a comunidade ou entre o médico e a família, a da avaliação da qualidade da acção médica, a da acessibilidade dos cuidados ou a do sentido de uma medicina psicossomática.

A razão destas notas reside, porém, no interesse em dar a conhecer os resultados de um recenseamento sobre experiências de trabalho inovador em medicina familiar que foram apresentados neste encontro. A ideia surgiu numa altura em que a car-

reira, volvidos sete anos sobre a sua criação, luta com extraordinárias dificuldades para se impôr, devido não só à falta de tradição de uma medicina familiar de qualidade em Portugal, como também às medidas restritivas que o sector da saúde tem enfrentado nos últimos anos. Lutando com enormes dificuldades e trabalhando muitas vezes isoladamente e sem qualquer estímulo material, foi possível a alguns profissionais ir além da rotina das consultas e estabelecer uma prática inovadora e criativa para melhorar a qualidade da sua acção médica. O recenseamento permitiu avaliar a importância dessas práticas e as condições que as tornaram possíveis e espera-se que os grupos constituídos após a sua apresentação pública venham a contribuir para uma multiplicação das experiências bem sucedidas.

Referimos de seguida e muito abreviadamente algumas das áreas e dos conteúdos do trabalho inovador apresentado no Encontro. Um primeiro conjunto de acções dirige-se a grupos da população com maior incidência de risco e consiste em adoptar formas de relacionamento que favoreçam a participação das pessoas e a adopção de procedimentos que tenham sido objecto de negociação. Relativamente a um conjunto de situações que não têm uma solução estritamente clínica e, em particular, as que exigem um grande esforço de informação e acompanhamento (doença terminal, doença crónica, doença mental), a novidade da intervenção consistiu em o médico ter conseguido estabelecer com outros profissionais uma rotina de trabalho em equipa. Um outro campo relativamente inovador é a participação do médico em acções de animação fora do local da consulta ou na preparação de vídeos, exposições, visitas ou sessões em que temas de saúde sejam discutidos com a população em geral ou com grupos restritos. É muito diversificado o leque de iniciativas que foram relatadas neste domínio e inclui, entre outros, debates públicos sobre o plano concelhio de saúde, a organização de programas de férias para a preparação de agentes comunitários em grupos populacionais de risco, sessões em locais de trabalho com especiais condições de risco para a saúde, etc. Um quarto domínio de trabalho inovador diz respeito ao levantamento e estudo das condições de vida da população da área do Centro ou extensão de saúde e à cooperação com outras instituições igualmente interessadas na elevação dos níveis de vida. Nalguns casos procura-

-se investigar os hábitos de saúde da população, o recurso às formas de medicina popular ou paralela ou avaliar os resultados da própria intervenção dos serviços de saúde. Por último, referiremos a realização de inúmeros trabalhos de pesquisa sobre patologias com especial incidência na população servida, alguns deles dando lugar a acções específicas de actuação profiláctica. De uma forma geral, pôde ainda verificar-se a utilização cada vez maior de meios informáticos e áudio-visuais na actividade corrente dos médicos, quer na organização da informação, quer na comunicação das ideias, quer ainda como instrumento de investigação e de avaliação de resultados.

A apresentação das experiências de trabalho inovador foi amplamente debatida e no final foi feito um balanço dos êxitos e também dos fracassos, concluindo-se pelo interesse na divulgação de tais experiências as quais, como foi referido, muito poderão contribuir para o prestígio da medicina familiar em Portugal. ■

Maria José Ferros Hespanha

Medicina na Beira Interior da Pré-História ao século XIX — I Jornadas de estudo. Castelo Branco (31 Março a 2 Abril 89)

Promovidas pela Sociedade Portuguesa de Escritores Médicos, Museu Tavares Proença Júnior e Grupo de Médicos de Castelo Branco, realizaram-se as primeiras jornadas sobre este tema, tão invulgar entre nós, e que honra quem o pensou e organizou. Os objectivos enunciados no programa eram ambiciosos, pois visava-se, «numa perspectiva interdisciplinar e tendo como pólo referenciador aquilo a que usualmente se chama de Medicina, um encontro de especialistas das diferentes áreas das Ciências Humanas que encontrem a substância das suas comunicações na realidade cultural da Beira Interior».

Um primeiro grupo temático incidiu sobre figuras de médicos ilustres, sendo Amato Lusitano de longe o mais evocado, e particularmente analisadas as célebres Centúrias, quer a propósito de problemas literários, da história da morte no século XVI quer mesmo da defesa da solidariedade médica. Além de Amato, tivemos Ribeiro Sanches, o autor do «Tratado da conser-

vação da saúde dos povos», cuja obra de higienista foi especialmente focada, e até considerada, em pleno século XVIII, precursora de uma atitude ecológica. E Henrique Jorge Henriques, médico renascentista cujo «Retrato del perfecto medico» foi julgada actual em termos dos problemas da ética médica, e ainda Plácido da Costa.

Um segundo grupo de comunicações já de teor antropológico e etnológico, incidiu sobre as formas de medicina popular e o conjunto de crenças e costumes a ela associadas, sendo referidos os encantamentos, rezas, exorcismos e outras práticas mágicas, assim como um numeroso e curioso conjunto de receitas caseiras, mezinhas e preparados naturais para as mais diversas maleitas, principalmente referidas às aldeias da Serra da Gardunha e ao concelho de Proença-a-Nova. Outra apresentação centrou-se nos ex-votos, amuletos profilácticos e painéis da Beira Interior, da Colecção do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.

Num terceiro feixe de comunicações a investigação histórico-social constituiu o objectivo principal, sobre as condições de assistência na doença em Castelo Branco em fins do século XV — inícios do século XVI, ou o Hospital da Misericórdia do Fundão no século XIX. Noutra comunicação, de Iria Gonçalves «Médicos diplomados na Beira Interior, em quatrocentos», constata-se que podiam ser diplomados e não diplomados, mas que eram muito poucos os físicos diplomados. E também difíceis de consultar, só nos grandes centros e era preciso ter dinheiro. Assim, o primeiro apoio para a cura dos males eram os curandeiros e benzedores, numerosos e procurados, e «ervas e palavras santas por amor de Deus». Noutro trabalho «A terra e os homens da Beira Interior nos relatórios médicos nos inícios do século XIX», Maria Adelaide Salvado analisa o célebre «Jornal de Coimbra» (1812-1820). Nesta importante publicação, onde entre outros escreveu Bernardino António Gomes, publicaram-se relações das enfermidades que os médicos e cirurgiões providos nos partidos das câmaras, hospitais civis, casas de expostos e cadeias observavam, com indicação das causas a que as atribuíam e dos meios terapêuticos utilizados. São referidas as relações entre as condições atmosféricas e a saúde das pessoas, assim como as duras condições de vida e de trabalho, causas de doença em terras interiores, que «não são lugares de passagem, mas de destino». O recurso a médicos só acontecia muitas vezes em

circunstâncias graves, evidencia este trabalho que é revelador dos temas e preocupações da mentalidade médica da altura, receituário corrente, doenças mais frequentes e em geral das condições de assistência no início do século XIX.

Houve finalmente um outro grupo de apresentações de temas mais ou menos isolados, sejam a Pré-História, o Terma-lismo, ou a Epistemologia do Senescer que de algum modo apontou um dos temas dos próximos encontros. Armando Moreno, com «Médicos-Escritores da Beira Interior», fez uma longa digressão, entrando aliás pelo século XX e fazendo considerações sobre a obra literária de numerosos médicos através dos séculos. Evidenciou-se uma vez mais a importância que o espírito inquisitorial na religião e na política teve na história portuguesa, e de como alguns dos melhores espíritos europeístas, homens de ciência e judeus, foram perseguidos e se exilaram com as consequências para o país que se conhecem. Ou, e para citar o tão pouco citado Maximiano de Lemos «a intolerância religiosa foi o principal estorvo que encontrou, entre nós, o desenvolvimento da medicina, como de resto o de todas as outras ciências» (História da Medicina em Portugal. Lisboa, 1899).

É claro que algum criticismo se pode fazer às jornadas: a leitura histórica não passou algumas vezes da «história dos grandes homens» (neste caso médicos), com as evidentes limitações, a importância e o significado das medicinas populares nunca foi discutido, quando o seu debate seria necessário pois algumas divergências foram bem notórias, houve falta de representantes de disciplinas diversas, os estudos interdisciplinares não apareceram.

De qualquer modo, a corajosa aposta dos organizadores foi ganha, dezenas de pessoas de diversas formações estiveram juntas e comunicaram durante três dias, e o caminho só poderá ser o retomar do projecto inicial, alargando o âmbito dos temas e das participações. Só assim se cumprirá o sentido das jornadas, que de algum modo se realizaram sob a égide de José Lopes Dias, homem de ciência e de cultura, como recordou António Salvado, o principal obreiro deste encontro. No final foi recordada a necessidade de tradução do latim de várias obras, deixando de estar reservadas para meia dúzia de estudiosos, e foi decidida a publicação dos trabalhos em volume.

Para o ano haverá II Jornadas e um dos temas será «Doença, Envelhecimento e Morte».

Gostaria de informar quem não saiba, e a propósito destes temas, que se iniciou em 1988 a publicação de «Médicos Escritores Portugueses» em fascículos, por Armando Moreno, e também a Revista «De Medicina» de Coimbra, dirigida por Alfredo Rasteiro.

Paralelamente às jornadas, decorreram duas exposições, uma bibliográfica de médicos-autores da Beira Interior, outra de quadros de Fernando Namora, 45 anos depois da sua primeira exposição em Castelo Branco, a maioria deles sobre paisagens, figuras e rostos de Monsanto e Tinalhas, onde foi médico. E, com a presença da viúva do escritor, foi exibido um diaporama, numa comovida evocação de Monsanto com textos da «Nave de Pedra». ■

José Morgado Pereira